



A estrutura colonial é agora quase estranha na paisagem da cidade

Estas são as últimas imagens da Cidade-Presépio

A paisagem urbana do centro de Vitória, onde antes existia a cidade presépio do Brasil Colônia e do Império, hoje é apenas um amontoado confuso de edifícios altos, ruas estreitas, dimensionadas numa cidade de início do século, apinhadas de automóveis. As calçadas são reduzidas, o que torna muito difícil o tráfego de pedestres. A cidade perde, dia a dia, em qualidade de vida. A brisa marítima, antes tão constante, hoje desapareceu da parte

baixa da cidade, devido à barreira de edifícios. As raras construções antigas que ainda existem, que são a memória de 400 anos de história, encontram-se abandonadas ou quase completamente obstruídas pelas novas edificações. Caminhando hoje pelas ruas da cidade somente a imaginação pode nos transportar para a Vitória que já foi uma cidade presépio. Com seus casarões e vielas, a movimentação do porto, das casas de comércio e dos bilhares.

O diagnóstico da arquiteta Helena Gomes, da Fundação Jones dos Santos Neves, que aponta como outro fator essencial para a deterioração da qualidade de vida, o surgimento da indústria automobilística: "Foi catastrófico para a paisagem urbana que existia, particularmente a de Vitória, (que tem uma estrutura de cidade colonial), cujos automóveis demandam cada vez mais espaço do que a cidade pode oferecer. Por outro lado, esse último aspecto tem outros efeitos negativos sobre a população. Perderam-se de-

todos a conhecem) resume tudo numa frase: "Se eu tivesse de nascer hoje, eu pedia pra parteira me mandar de volta pra dentro. Sossego não se tem". Ela relembra também os tempos em que as pessoas se divertiam nas festas populares, Reis, Lapinha, bailes em dia de aniversário, cinema mudo, tempo em que as pessoas andavam na rua sem medo e "ninguém temia que alguém viesse por trás e desse um golpe. Agora, depois de velha, eu ando na rua sempre com medo, escondendo a bolsa. Quando chegou em Vitória o

principalmente através do mercado imobiliário. Nós fizemos um diagnóstico da situação e apresentamos propostas a nível de projetos, que poderão começar a ser adotados a partir de março, pois já estão em poder do governo. Nosso trabalho se baseia em um antigo Grupo de Planejamento Urbano e consta, basicamente, de um Plano Diretor de Urbanismo, um plano para o lazer e um plano de preservação do Patrimônio Histórico e Ambiental Urbano".

CADERNO

DOIS

VITÓRIA (ES),
QUARTA-FEIRA,
10 DE JANEIRO
DE 1979

sobre a população. Perderam-se detalhes importantíssimos do ponto de vista arquitetônico, e artístico de forma geral, nas residências, jardins, nos bancos de jardim, nas luminárias da cidade, nas calçadas, o que causou, paralelamente, um processo de abalo psicológico no homem moderno. Além disso, a geração do automóvel não tem tempo para observar os rebuscamentos de uma arquitetura cheia de detalhes quase artesanal.

Com isso concorda plenamente Iracy Mendes Ferreira, de 79 anos, que mora na rua Coronel Monjardim, desde o início do ano de 1900 (quando, na atual escadaria do Palácio Anchieta — atualmente todo mudado — existiam armazéns para depósito de mercadoria, o cais ficava a apenas doze metros de uma escada tosca entre o palácio dos Jesuítas e o cais dos barcos e a avenida República era mangue). Ela diz que a vida antiga era muito melhor:

— Antigamente, ao lado da minha, tinha uma casa da mesma altura da minha. Depois, começaram a construir esse edifício. Durante as obras, caiu primeiro uma escora no meu telhado, que destruiu boa parte das telhas. Depois, caiu um janelão. Outro dia, caiu um vaso de planta que arreventou quase toda a parte da cozinha e da sala de jantar.

Ela diz que “hoje em dia, desossossego a gente tem sempre”. Outra coisa de que ela reclama bastante é o barulho dos dias atuais: “o filho de D. Iná teve de se mudar porque não aguentava o barulho. Eu mesmo sinto umas pontadas no ouvido”. Mas o pior, para ela, é o trânsito: “Quem sai de casa está condenado à morte. Os carros ficam na calçada e a gente num beco sem saída. Se for comprar um remédio para uma pessoa em perigo de morte, a pessoa morre. A gente tem que esperar um tempo até poder atravessar. Nossa cidade está perigosa. Eu acho. Nossa vida está no seguro”. Morena (como

bolsa). Quando chegou em Vitória o primeiro fonógrafo, na casa do Sr. Raimundo Nonato, ninguém podia passar na rua dele às sete horas. Você vai hoje no fonógrafo do Seu Raimundo? Até eu ia. Todo mundo era mais calmo. Não era essa loucura de agora”.

Paralelamente à vida, as construções da cidade vêm sofrendo uma constante e progressiva mutação: onde havia antes os velhos casarões, erguem-se os arranha-céus. Para falar apenas de residências antigas, das poucas que restam, boa parte está em péssimas condições de conservação. Não é o caso da casa dos Cerqueira Lima, perto da Catedral, onde até hoje reside Marieta Cerqueira Lima (82 anos), construída por volta de 1880. Sua proprietária tem resistido aos inúmeros oferecimentos de imobiliárias para que a casa seja vendida e em seu local seja construído mais um edifício. D. Marieta explica:

— A primeira tentativa de demolição de nossa casa foi em 1936, quando muitas das casas na redondeza foram derrubadas. Eles ofereceram na época 92 contos de réis (Cr\$ 92 atuais). Henrique não consentiu e disse que não vendia nem permitia que a derrubassem. Depois vieram as imobiliárias, mas agora pararam de insistir porque viram que não dá resultado. Esses prédios que construíram em volta não me atrapalham em nada. Não estragaram muito a ventilação. (NR: sua casa fica num lugar alto). Tem dia que a gente tem que fechar todas as janelas, de tanta ventania. E o barulho aqui não é muito. Aqui passam poucos carros”.

A verdade é que, pouco a pouco, os espigões avançam sobre o espaço onde antes dominavam as velhas construções. Até hoje, os governos não deram atenção especial ao fenômeno, que agora é objeto de estudo da Fundação Jones dos Santos Neves, cujo diretor-superintendente, economista Stélio Dias, explica que “as mudanças havidas na paisagem se deram de forma espontânea,

A arquiteta Helena Gomes observa que, da época colonial, restam pouquíssimas construções, que estão em péssimo estado de conservação, em parte porque “muitas dessas edificações estão desocupadas, por causa das dificuldades de se morar nelas. Não só pela falta de higiene, mas também por problemas como infiltrações, goteiras, etc., o que demandaria um trabalho de restauração, que nem sempre pode ser feito pelos proprietários”. Ela acha que, muitas vezes, essas obras, precisam de uma ajuda do governo ou financiamento de um Banco de Habitação, que promovesse a conservação das casas antigas, o que poderia ser obtido também através de outro insumo, como desconto no Imposto de Renda, uma alternativa interessante para o proprietário e para o próprio Estado. “Em alguns casos” — diz Helena — “essas residências pertencem a famílias ricas que não moram no local e as alugam, ou simplesmente não têm interesse em reformá-las ou conservá-las. As principais transformações na paisagem urbana são devidas ao mercado imobiliário, que se apropria desordenadamente do espaço, pensando apenas em obter o máximo de utilização no mínimo de área”. A arquiteta da Fundação Jones dos Santos Neves ressalta que essa prática prejudica principalmente as construções antigas, uma vez que a maior parte da produção arquitetônica nos quatro séculos e meio de Vitória se encontrava no centro da cidade, mesmo porque até o início do século (e podemos dizer até quarenta anos atrás) Vitória se resumia ao Centro. E é nessa área que os imóveis valem mais.

Helena lembra que a conservação dos antigos casarões é importante porque possibilita uma leitura da cidade no início do século, cujas edificações se baseiam em estilos europeus, muitas vezes sobrepostos. Ela destaca o prédio da Assembléia Legislativa, “que apresenta várias escolas, com predominância do neoclássico, barroco e art-nouveau, o que

denuncia, desde aquela época, a importação cultural”. E observa que, a partir dos anos 60 de nosso século, o fenômeno de urbanização que se processa em Vitória gera uma substancial modificação no espaço urbano, e as estruturas urbanas se transformam, sem suportar o número crescente de pessoas que nelas habitam. Daí, a necessidade cada vez maior de usar a periferia como local de habitação. Para ela, a paisagem urbana varia significativamente, se tomarmos como ponto de referência o sítio em questão e as classes sociais que dele se utilizam:

— Observando-se Vitória, nota-se uma variação bastante grande. A gente vê que cada classe social se apropria do espaço de forma muito diferente, o que gera, naturalmente, formas distintas de vida e convivência, decorrentes das diferenças de localização, dimensão das construções, material utilizado, sem falar na condição econômica de cada um dos grupos. De imediato, constatamos que, quanto maior o poder aquisitivo de uma classe, mais caros são os materiais usados e os terrenos ocupados, o que, numa sociedade como a nossa, é óbvio.

Para melhor explicar seu raciocínio, Helena Gomes dá o exemplo de três diferentes áreas periféricas da cidade, sem deixar de observar os efeitos causados no relacionamento entre as pessoas pela utilização diversa do espaço de que dispõem:

a) **Praia do Canto** — lotes grandes, amplas residências, material mais caro, ruas espaçosas arborizadas. Anteriormente, o local era usado principalmente para veraneio, mas atualmente é ocupado para residência pelas classes média-alta e alta. Apresenta uma franca mudança de paisagem, pois, onde antes havia grandes casarões, hoje se constata a

presença de muitos prédios residenciais e comerciais. O relacionamento entre as pessoas, a nível de rua e mesmo de vizinhança, é um pouco difícil; por um lado, por não existir espaço onde as pessoas se encontrem e, por outro, pelo elevado número de automóveis.

b) **Jardim da Penha** — Bairro ocupado por pessoas de poder aquisitivo menor que as que habitam a Praia do Canto. Apresenta uma paisagem urbana monótona, devido à padronização dos edifícios, e um traçado confuso, que dificulta a orientação dos visitantes, e mesmo dos moradores. Apesar dessas restrições, o relacionamento entre as pessoas é relativamente intenso, em parte devido ao espaço maior para integração entre as edificações, que não têm cercas ou muros.

c) **Morro da Piedade** — Sítio excepcional, por ser um morro, que demanda um desenvolvimento urbano particular. A apropriação do espaço foi feita de forma espontânea, sem ruas, apenas com escadarias, levando em conta, também, as condições naturais do terreno e com respeito aos marcos da natureza, como pedras, árvores, etc. Todo o espaço é do pedestre, uma vez que é impossível a circulação de automóveis. A produção arquitetônica é variadíssima, com o aproveitamento de materiais os mais simples e diversos. Nota-se a predominância do elemento natural na paisagem, que é mais flexível, devido às características das edificações. Como, aliás, na maior parte da periferia. A relação entre as pessoas é muito intensa, não só pela forma de utilização do espaço, mas também pelo fato de a maior parte dos habitantes ser constituída de migrantes, vindos do interior, onde as relações humanas são mais diretas, favorecidas ainda pela própria tradição de relacionamento mais primário, mais pessoal.